

**JUAN LUIS SEGUNDO (1925-1976)***Eduardo Hoornaert*

Juan Luís Segundo era um teólogo que sabia o que queria. Enquanto a maioria de seus colegas ensinava em seminários ou institutos de teologia, assessorava bispos ou econtros de clero, trabalhava com os assim chamados agentes de pastoral, engajava-se nas "pastorais especiais", escrevia para revistas de divulgação pastoral, - sempre apoiados na plataforma da instituição grande -, ele ficou organizando seus seminários com leigos não-tão-pobres em Montevidéu, longe do mundo hierárquico, com uma metodologia que ele mesmo descreveu nas palavras introdutórias de sua "Teologia aberta para o leigo adulto" (1976/1, 10-12): seminários em fim-de-semana, com duração de dois ou três dias, divididos em blocos de quatro horas de concentração na seguinte seqüência, aliás bem conhecida: uma conferência inicial de quarenta minutos, grupos de reflexão por uma hora, mesa redonda, reflexão final pelo assessor, e depois oração.

Impressionou-me a tranqüila segurança com que se apresentava numa das reuniões dos teólogos da libertação, em Petrópolis, nos inícios de '80, no momento em que a maioria dos teólogos insistia em dizer que estavam - direta ou indiretamente - trabalhando "com os pobres". Segundo simplesmente dizia que trabalhava "com burgueses". Naquele tempo isso era tabu, e fez com que ele permanecesse um tanto distante do grupo como um todo.

Foi lendo alguns de seus trabalhos que me convenci do tesouro que neles temos entre as mãos, em termos de reflexão sobre a fé cristã, numa ampla perspectiva leiga, voltada para as questões do mundo global de hoje, muito além das questões eclesiais e clericais. Um tesouro largamente inexplorado nos meios teológicos da América Latina, mas que a velha Europa parece que sabe apreciar melhor. Daí a tradução de vários de seus livros em francês, inglês,

alemão. Chamou-me a atenção que Roger Garaudy, no seu recente livro 'Deus é necessário?' (Zahar, 1995, pág. 35, 71, 72, 83, 99, 104), o cita ao lado de Schillebeeckx, Congar e outros. Efetivamente, Segundo tem de um lado uma formação teológica bem "européia", representa de certa forma o pensamento europeu, mas do outro lado sai continuamente da rota, discorda com a maior tranqüilidade de Schillebeeckx, Küng, Rahner, Congar, os mestres consagrados. É que nele passa uma emoção que raramente se encontra nos mestres europeus, mas que pervade seus textos: a comoção com a pobreza, a injustiça, as condições em que a maioria das pessoas vive. A dimensão social da fé nunca abandona suas reflexões, dá um colorido todo especial aos seus textos. Isso é novo, e, considerado em plano global, é latino-americano, assemelha J.L. Segundo aos demais teólogos da libertação.

Pelo que parece, Juan Luis nunca deu muito crédito aos "slogans" dos anos '70-'80: "A igreja que nasce do povo", a "opção (da igreja enquanto instituição) pelos pobres". Não parece ter dado ouvidos àquela conversa de que o teólogo fulano ou sicrano "aprendeu com o povo" como fazer teologia. Ele aprendeu estudando mesmo, nos livros, "no duro". Igualmente não seguia o dogma da eterna alegria do povo e da perpétua tristeza da burguesia. Seus temas eram outros. De certa forma foram os temas clássicos. É que esses são os temas com os quais os leigos "comuns" lidam: fé, religião, pecado, Jesus, Igreja, sacramentos, moral, vida eterna. Com os anos, enquanto coordenador do Centro Pedro Fabro em Montevidéu, Juan Luis projetou-se como o "mestre" dos leigos, preocupado com o fato que "muitas de nossas formulações são absolutamente incompatíveis com a mentalidade moderna" (1976/1, 8), e que "a fé, em nossa época, não é uma realidade tranqüila, 'natural', mas sim angustiada e muitas vezes sujeita a fortes tensões" (1976/1, 7). A "perda de fé", que aflige o mundo leigo, o impressionava e o incitava a estudar e aprofundar as coisas, de maneira não sistemática. É que J.L. Segundo não se considerava um teólogo "especializado", em conformidade com as especializações do currículo teológico. Pelo contrário, ele distingue entre a teologia especializada e a "que irrompe da fé-emcrise" (1976/1, 8). Uma teologia comparável àquela historiografia descrita por Walter Benjamin, que não anuncia o Messias mas também combate o anti-Cristo, o anti-Messias, o tranqüilizador das consciências e apaziguador da revolta. Sua teologia não é feita para os seminários onde se forma o clero, mas irrompe na consciência leiga da igreja na hora do perigo por parte do anti-Cristo, "que não pára de vencer".

J.L. Segundo pertence ao grupo daqueles poucos intelectuais cristãos que compreendem que não se trata tanto de "evangelizar" as massas, mas de formar "focos" de irradiação de uma mensa-

gem bem entendida, que não se trata tanto de fazer política em nome da fé, mas de deixar-se primeiro traspasar pela mensagem de Jesus para depois agir conseqüentemente. Sua adesão ao vasto mundo leigo faz dele uma figura bem peculiar de teólogo. Não se apresenta como "padre", "pastoralista", ou "militante da igreja da esquerda". É antes um "mestre" no meio da vastidão do mundo, que forma seu grupinho e o devolve à cotidianidade da vida. Compara-se com um daqueles extraordinários mestres cristãos na longínqua Roma do século II d.C., com Valentino, Marcião, Taciano e Justino, que formavam em torno de si grupos de "discípulos" numa "didascália" (escola). Esses grupos, imersos na vastidão da cidade pagã, constituíam-se em focos dinâmicos de irradiação da fé em Jesus, antes mesmo que se formasse a igreja propriamente dita. Nesse mundo por assim dizer pré-clerical insere-se o teólogo uruguaio. Pertence a um modo de ser "mestre cristão" anterior à formação eclesial. Ele mesmo explicou como isso deve ser entendido (O Dogma que liberta, Paulinas, São Paulo, 1991, 157-158: "A sinagoga, fenômeno laical"). Será presunção comparar o que aconteceu em Montevidéu em torno de J.L. Segundo ao que aconteceu em Roma nos anos 120-170: a formação de um cristianismo originário anterior (em termos de proximidade à mensagem de Jesus) à formação da "mãe igreja"?

Esse extraordinário teólogo permanecerá vivo entre nós, enquanto tiver gente a estudar sua obra e a agir em conseqüência. Ele se me parece com seu colega jesuíta francês Michel de Certeau, também falecido "antes do tempo": livre e desimpedido, mais místico que eclesiástico, vivendo "a fraqueza de crer", alérgico ao triunfalismo, onde quer que ele se manifeste, capaz de afirmar que "a tarefa da teologia é ajudar o homem a ser homem, falando-lhe de Deus de uma maneira plena de sentido", e de alinhar sua vida à veracidade da frase.

Endereço do autor:  
Rua Guadalajara, 109/201  
40140-460 - Salvador - BA